

HÉRCULES AZEVEDO

ELEMENTO POESIA

DESEJO DE BAIANO, POEMATIZAR



EDITORA RECANTO DAS LETRAS

ELEMENTO POESIA
DESEJO DE BAIANO, POEMATIZAR

HÉRCULES AZEVEDO

ELEMENTO POESIA

DESEJO DE BAIANO, POEMATIZAR

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Hércules Azevedo

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira
Revisão do texto: Maciel Salles
Diagramação: Michael Douglas
Ilustrações: Mônica Abud Vilanova
1ª edição – janeiro de 2021

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Azevedo, Hércules
Elemento poesia : desejo de baiano, poematizar / Hércules
Azevedo. -- São Paulo : Recanto das Letras, 2021.
78 p.

ISBN: 978-65-86751-55-0 (e-book)

1. Poesia brasileira I. Título

20-4375

CDD B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia brasileira

Obrigado, Mônica Vilanova, pela ilustração dos poemas. Grato está meu coração por teu traço e companhia; teu desenho contagia, renovo agradecido por tua arte ilustrada que dá vida à poesia.

Agradeço ao amigo e prof. Sérgio São Bernardo, pela gentil apresentação desta narrativa baiana sestrosa, e à Professora Cláudia Ferreira (Claudinha), pela leitura crítica e sugestões que muito contribuíram para o resultado deste trabalho.

Sou grato à Milena da Editora Recanto das Letras pelo profissionalismo com que nos auxiliou.

E especialmente agradeço à Ludmila Alves Santana por ser a flor que produziu a flor que ilustra o poema Amado.

SUMÁRIO

Apresentação	7
Introdução	11

SEÇÃO I - VIM DA CIDADE DA BAHIA

Okê Aro!	14
Mar protegido	15
Ver o sol	16
Vento	18
Coco	20
Mãe gentil	22
Amado	24
Santo	26
Símbolos mutilados	28
Thémis e Xangô	30
Samba de roda	31
Tradições da Bahia	33
Asé	35
Deu saudade	36
Três “P”s	38
Ode ao canário	40
Portugal	41

SEÇÃO II - O QUE VEJO NA VIDA

Navega comigo... Vem!	44
Sem cor nem brilho	45
Razão	47
Pensamento concreto	49
Meu país	51
Indefinição	52
Gordo	53
Onde está o teu sonho	55
Sem comunicação	57
Procurando Diógenes	59
Cura	60
Parte	61
Poesia	62
Perdido poema	63
Impresso me expresso	65
Pensa	67
Urubus	69
Amigo Milton	70
Incerta despedida	72
M	74
Chico	76
Sobre o autor	77

APRESENTAÇÃO

Sou amigo desse cara há mais de 30 anos e sempre o senti poeta. Não o que escreve palavras combinadas para dizer coisas não combinadas, mas o que sente a vida como um vento constante nos olhos a desafiar a própria existência. Agora, ele se deu com esta coisa de nos doar suas palavras como vento aos olhos. Pois é, Hércules Azevedo, seu vento nos enxerga e nos denuncia como testemunho de nosso tempo. Seus versos são palavras fáceis e profundamente difíceis quando ditas por seus olhos brilhantes, gigantes, de admiração da vida turva. Uma vez, descendo a pé as ladeiras da cidade para chegarmos nas Sete Portas, já fazíamos da vida um poema barroco com tempero nagô recheado de fé na política revolucionária que pouco acabou mudando o mundo, senão uma parte dos profetas que ficaram embebidos da sua própria torpeza.

“Na vida, existem momentos em que nos faltam as palavras certamente aqueles que envolvem a noção tempo de chegada, partida ou despedida.”

Sua origem, seu pertencimento e seu lugar é o lugar dos “símbolos e heróis mutilados, deficientes, incompletos...” Seus heróis somos nós, humanos, em suas incompletudes e desavenças com o destino supostamente trilhado.

Você é o nosso herói! Obrigado pela incompletude para ler o humano e o mundo! Sua necessidade de acolher a diversidade indaga sobre a interculturalidade e interseccionalidade desafiadora do momento. Por isso, sua dualidade em preferir tudo e saber acolher a diferença entre Xangôs e Themis localiza sua palavra e seu ato. Este poeta veio com a veia inundada de sangue de palavra moída nas ventas da sua sensibilidade oxossiana de amar e sofrer com a vida trágica. Suas linhas misturaram-se com o misto de fé e dúvidas herdadas da velha Candinho Fernandes, do alto da Fazenda Grande do Retiro. Sim, foi de lá que saiu este profeta incensado onde tudo é assunto e tudo é poesia.

Ao questionar Canário, o pássaro que canta demais até enjoar, expõe sua crítica sincera e mordaz:

“Cante! Não pretenda criar lei. O povo tem sabedoria. Tudo nosso não é. O povo há muito não tem. Alegria, solidariedade, canto, ginga e magia. Isso tudo, certamente, ele tem.”

Você projeta na poesia o que sentimos na vida. Você nos convida a “poematizar a política, a vida em suas plenas virtudes ou contradições plenas. Mas tudo tem preço e você não procura pragmática surpresa e nem ética sem lanterna”. Tudo é palco de incerteza e disposição para tematizar a vida sem firulas! Tudo é frágil demais para não deixarmos de enxergar com os olhos aos ventos de quem sabe que, sob a indefinição, reina a inverdade, e você ainda a procura, poeta? Entre a verdade e o sonho,

você nos santifica com o sonho. Este é o nosso poder, e a nossa cura, poeta, está nos ventos aos olhos enormes que veem mais do que sabem e do que supostamente o outro pensa que vemos. Sim, o poema como cura. Este é o ensinamento da sua obra. Não como fuga da realidade crua e virtual, mas como intensa realidade e possibilidade de mudá-la como libertação. O elemento poesia liberta!

Sua obra é uma obra aberta. O letrista não cabe em suas próprias letras, porque a letra é incapaz de reproduzir fielmente o sentimento imenso nos olhos ao vento que você nos empresta em sua obra. Seus poemas são densos e vão naquele fundo que precisamos ir juntos para melhor sabê-los. Menos pela forma e mais pela música que se extrai dali, vejo o poema acontecer como um mantra de cura e paciência! Porque no seu repertório não existem:

“(...) muros, muralhas, limites. A quem meu bom ouvinte tais imposições estão a servir? Não, não tenhas pressa. Respondes minha pergunta com vagar. (...) Hoje, com paciência espero... Como disse, não tenha pressa! Mas faz-me gentil promessa para pensar (...)”

Olha, demorei um tanto para escrever esta apresentação/depoimento de amizade de vida inteira. Primeiro, achei que não era eu quem deveria escrever, depois,

achei que, sendo eu, deveria fazer algo majestoso, e demorei a fazê-lo por isso. Agora o fiz. Nesta manhã chuvosa de quinta-feira aqui na Cidade Baixa, mirando o alvo e a flecha certa de Odé, dos seus olhos ao vento, de quem acredita na vida e na fé das pessoas. Estou feliz porque sei da sua narrativa, e lamento porque sei da sua dor e sofrimento, mas ainda não será a nossa despedida! Valeu, Miauzinho, um beijo nos olhos que soltam aos ventos!

“Por isso, meu querido, anuncia minha despedida que não se transforme em lamento, sofrimento ou dor, afirmo, sim afirmo, fui e não sei se já voltei, independente do que sei e fui, afirmo voltarei.”

Sérgio São Bernardo

Setembro de 2019.

INTRODUÇÃO

Na cidade da Bahia, como diriam os mais antigos, tem coqueiro, azul do mar, “uma lagoa escura”. Pois é, estes elementos motivaram-me a escrever o trabalho que ora apresentamos. Sim, gosto de coco, do mar e da rainha lemanjá — ícones da nossa formação cultural e religiosa que compõem o mosaico natural, e por que não dizer, da natureza desta terra; traços de nossa plural etnicidade que contagiam seus visitantes e enchem de orgulho seus nativos habitantes.

Aliás, sempre que posso, estou a contemplar as belas paisagens de Salvador, sua orla, suas ruas, favelas e ruelas. Mas sem perder a dimensão da realidade, afinal vivo na contemporaneidade e estou submetido às suas questões políticas, sociais e existenciais. Por isso tudo resolvi organizar este trabalho em seções.

Assim, na primeira seção estão os textos que denominei “Vim da cidade da Bahia”; e na segunda, “O que vejo na vida”, onde viro a página e volto minha atenção para as coisas do cotidiano e da política que afetam, como não poderia deixar de ser, minha experiência de vida e do povo da minha terra natal.

Para encher de arte, os textos contaram com a fundamental contribuição de Mônica Vilanova, cuja boa vontade em ouvir meus reclames e apelos, para desenhar e ilustrar individualmente os poemas foram prontamente atendidos, e da menina Ludmila (Lulu), que fez a ilustração do poema *Amado*.

Assim, seguindo o espírito solidário de construção desta obra, peço a quem decidir ler que o faça cheio de solidariedade. Por favor, navegue por estas páginas como se fazia antigamente... Lendo, lendo, criticando, concordando, discordando, mas simplesmente e apenas lendo.

O autor

SEÇÃO I

VIM DA CIDADE DA BAHIA



OKÊ ARO!

Nesta terra tem cantores,
Artistas, palhaços, autores...
Gente de sábias palavras,
Cantigas de roda e samba...
Prestimosa gente
Cuja arte dança no coração da gente.

Peço licença aos encantados,
Duendes, espíritos da mata.
Para estes poemas apresentar.
Licença, meu pai!
Protegei-nos rei das matas.



MAR PROTEGIDO

Na beira de tua imagem
Banhei corpo inteiro
Proteção, lemanjá!
Embarcação, barco, saveiro.

Cantam cantores do mar
Navegam oceano costeiro.
Peço-te, cabocla Jurema...
Batiza barco, dois de fevereiro.

Caymmi
Cantou mar
Cantiga, canção, cancionero,
Janaína, Jurema, Odojá.
Santa Bárbara!
Protege
Mar inteiro.